



Boaventura de Sousa Santos

OS PROCESSOS DA GLOBALIZAÇ

1. Introduç

Nas tr deslocações, um fenómeno novo designado por "globalizaç Featherstone, 1990; Giddens, 1990; Albrow e King, 1990), "formaç Chase–Dunn, 1991), "cultura global" (Appadurai, 1990, 1997; Robertson, 1992), "sistema global" (Sklair, 1991), "modernidades globais" (Featherstone et al., 1995), "processo global" (Friedman, 1994), "culturas da globalizaç Jameson e Miyoshi, 1998) ou "cidades globais" (Sassen, 1991, 1994; Fortuna, 1997). Giddens define globalizaç quanto um sistema fechado (1990: 64). No mesmo sentido, Featherstone desafia a sociologia a "teorizar e encontrar formas de investigaço visto como o objecto mais básico da sociologia: a sociedade concebida quase exclusivamente como o Estado–naço sistema nacional enquanto núcleo central das actividades e estratégias humanas organizadas (1994).

Uma revista deste fenómeno parecem pouco adequadas. Acresce que a globalizaç modernizaço simplificado com outras transformaço

Antes de propor uma interpretaço um fenómeno novo ou velho?; 2) a globalizaço da importância de tal dimens

Falar de características dominantes da globalizaço de ter uma ponta de verdade. A globalizaço há divisões estas últimas como as únicas possíveis ou as únicas adequadas. Daí que, da mesma forma que aconteceu com os conceitos que a precederam, tais como modernizaço dos processos em jogo, a prescriç centrais do sistema mundial, abrangendo o futuro da economia mundial, as políticas de desenvolvimento e especificamente o papel do Estado na economia. Nem todas as dimensões propriamente dito é um conjunto de quatro consensos adiante mencionados dos quais decorrem outros que serotagonizada pelo campo subalterno ou contra–hegemónico. Isto é tanto assim que o período actual é já designado por pós–Consenso de Washington. No entanto, foi esse consenso que nos trouxe até aqui e é por isso sua a paternidade das características hoje dominantes da globalizaço

Os diferentes consensos que constituem o consenso neoliberal partilham uma ideia–força que, como tal, constitui um meta consenso. Essa ideia é a de que estamos a entrar num período em que desapareceram as clivagens políticas profundas. As rivalidades imperialistas entre os países hegemónicos, que no século XX provocaram duas guerras mundiais, desapareceram, dando origem a interdependências selectivas, manipulaço nazismo, acabaram sendo plenamente institucionalizados nos países centrais depois da Segunda Guerra Mundial. Hoje, num período pós–fordista, tais conflitos estivistas.

Deste metaconsenso faz ainda parte a ideia de que desapareceram igualmente as clivagens entre diferentes padrs, a crise do Estado-Providias e cooperaç

Fukuyama (1992), com a sua ideia do fim da história, deu expressHuntington (1993) secundou-o com a sua ideia do "choque de civilizaç que misteriosamente designa por "conexrísticas dominantes da globalizaç

2. A globalizaç

Fröbel, Heinrichs e Kreye (1980) foram provavelmente os primeiros a falar, no início da década de oitenta, da emergais da nova economia mundial. Os traços principais desta nova economia mundial so e de comunicaç

Estas transformações nacionais devem abrir-se ao mercado mundial e os preços domésticos devem tendencialmente adequar-se aos preços internacionais; deve ser dada prioridade ara a vigilância sobre a balança de pagamentos; os direitos de propriedade privada devem ser claros e invioláveis; o sector empresarial do Estado deve ser privatizado; a tomada de decisse o peso das políticas sociais no orçamento do Estado, reduzindo o montante das transfer¹ Centrando-se no impacto urbano da globalizaça economia global e a acentuaçTriade: os Estados Unidos da América, a Europa Ocidental e o Japntou em média 37% por ano entre 1985 e 1989. Por outro lado, enquanto nos anos cinquenta o maior fluxo internacional era o comércio mundial, concentrado nas matérias-primas, outros produtos primários e recursos manufacturados, a partir dos anos oitenta a distância entre o crescimento da taxa de exportaç

Por fim, no que toca os blocos comerciais transnacionais. De acordo com Sassen, todas estas mudanças contribuíram para a formaçis dramáticas produzidas pela globalizaç1% das empresas multinacionais detém 50% do investimento directo estrangeiro (Clarke, 1996).

Em suma, a globalizaçceptíveis de serem objecto de propriedade intelectual (Robinson, 1995: 373); subordinaçem que ele se traduziu foram aplicadas, ora com extremo rigor (o que desígnio por modo da jaula de ferro), ora com alguma flexibilidade (o modo da jaula de borracha). Por exemplo, os países asiáticos evitaram durante muito tempo aplicar integralmente as receitas e alguns deles, como, por exemplo, a Índia e a Malásia, conseguiram até hoje aplicá-las apenas selectivamente.

Como veremos a seguir, s Mas, dado o crescente predomínio da lógica financeira sobre a economia real, mesmo os Estados centrais, cuja dívida pública tem vindo a aumentar, estanceira dos Estados e os consequentes riscos e oportunidades que eles oferecem aos investidores internacionais. Por exemplo, a baixa de nota decretada pela empresa Moody's ptados pelos dois países (Chossudovsky, 1997: 18).

3. A globalizaç

Quanto izaç

As empresas multinacionais sis elevada é transaccionado entre elas. Embora a novidade organizacional das empresas multinacionais possa ser questionada, parece inegável que a sua prevalInternacionais (Becker e Sklar, 1987: 2).

O impacto das empresas multinacionais nas novas formaçenquanto base da dinâmica de industrializaçEvans, 1979, 1986). Becker e Sklar, que proplocal, a

burguesia nacional, é uma categoria socialmente ampla que envolve a elite empresarial, os directores de empresas, os altos funcionários do Estado, líderes políticos e profissionais influentes. Apesar de toda a heterogeneidade, estes diferentes grupos constituem, de acordo com os autores, uma classe, "porque os seus membros, apesar da diversidade dos seus interesses sectoriais, partilham uma situação. O ramo internacional, a burguesia internacional, é composta pelos gestores das empresas multinacionais e pelos dirigentes das instituições

As novas desigualdades sociais produzidas por esta estrutura de classe são capazes de um tipo de redistribuições, mesmo que membros da elite expressem um apoio ao princípio teórico da redistribuição podem ter contribuído para que o modelo de desenvolvimento asiático tenha produzido relativamente menos desigualdades que o modelo brasileiro. Entre esses factores contabiliza, a favor do modelo asiático, a maior autonomia do Estado, a eficiência²

É hoje evidente que a iniquidade da distribuição³ Segundo o Relatório do Desenvolvimento do Banco Mundial de 1995, o conjunto dos países pobres, onde vive 85,2% da população consome hoje 20% menos do que consumia há 25 anos. Segundo o Banco Mundial, o continente africano foi o único em que, entre 1970 e 1997, se verificou um decréscimo da produção nas últimas décadas como uma revolta das elites contra a redistribuição mundial a viver nos países mais ricos detinham, em 1997, 86% do produto bruto mundial, enquanto os 20% mais pobres detinham apenas 1%. Segundo o mesmo Relatório, mas relativo a 2001, no quinto mais rico concentram-se 79% dos utilizadores da internet. As desigualdades neste domínio mostram quão distantes estamos de uma sociedade de informação de Seul (PNUD, 2001: 3).

Nos últimos trinta anos a desigualdade na distribuição aumentou para mais do dobro a sua riqueza entre 1994 e 1998. A riqueza dos tr

A concentração nos países e as 20% mais ricas detinham 80% da riqueza do país. Segundo o Banco, esta concentração

No domínio da globalização e os ajustamentos em relações externas. A economia é, assim, dessocializada, o conceito de consumidor substituiu o de cidadão global. Este consenso neoliberal entre os países centrais é imposto aos países periféricos e semiperiféricos através do controlo da dívida externa efectuado pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial. Daí que estas duas instituições

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a área da saúde é talvez aquela em que de modo mais chocante se revela a iniquidade do mundo. Segundo o último Relatório do Desenvolvimento Humano das Nações Unidas da população (UNICEF, 2000). As doenças que mais afectam a população⁴ Ante este quadro onde dos 26,4 biliões também que apenas 1% das novas drogas comercializadas pelas companhias farmac

Apesar do aumento chocante da desigualdade entre países pobres e países ricos, apenas 4 destes últimos cumprem a sua obrigação de programas de ajuda internacional é o facto de eles ocultarem outros mecanismos de transferências da África subsahariana (em mil milhões de dólares de dívida externa por cada dólar de ajuda internacional que recebia (World Bank, 2000). O Fundo Monetário Internacional tem basicamente funcionado como a instituição dos países (Estados, bancos privados, agências de imigração para os EUA, o que corresponde a uma perda de 2 biliões

4. A globalizaç

A nova divisnacionais que controlam (em particular as instituições poder variar imenso.⁵Por outro lado, acentuou-se a tendnquanto unidade privilegiada de iniciativa económica, social e política. A intensificaç.

O impacto do contexto internacional na regulaçp da regulaçcialistas de direito comparado e concretizados por organizaçntituiaçternacional de bens (CISG, 1980) (van der Velden, 1984: 233).

A tradiçTilly distingue quatro ondas de globalizaçmplo e vasto que cobre um campo muito grande de intervençer dos Estados centrais (Ocidentais), enquanto a actual globalizaç compatível com o novo regime global de acumulaçdramáticas nas tecnologias de comunicaçetc.

Quando comparado com os processos de transnacionalizaç as operaç

O segundo factor de novidade da globalizaçoderosos, como costumava ocorrer, mas sobretudo por ag

Tendo em mente a situaçdesnacionalizaç, um certo esvaziamento do aparelho do Estado nacional que decorre do facto de as velhas e novas capacidades do Estado estarem a ser reorganizadas, tanto territorial como funcionalmente, aos níveis subnacional e supranacional. Em segundo lugar, a *de-estatizaç* reflectida na transiçogovernamentais, nas quais o aparelho de Estado tem apenas tarefas de coordenaçprimus inter pares. E, finalmente, uma tendinternacionalizaç expressa no aumento do impacto estratégico do contexto internacional na actuaç

Apesar de na renegociaçregulatórias e de licenciamento; a desregulaçdos utentes, critérios mais restritos de elegibilidade para prestaçenor preocupaçfim de um período mais ou menos longo de intervençde intervir, ou seja, tem de regular a sua própria desregulaç

Uma análise mais aprofundada dos traços dominantes da globalizaçsenso do primado do direito e do sistema judicial.

O *consenso do Estado fraco* é, sem dúvida, o mais central e dele há ampla prova no que ficou descrito acima. Na sua base está a ideia de que o Estado é o oposto da sociedade civil e potencialmente o seu inimigo. A economia neoliberal necessita de uma sociedade civil forte e para que ela exista é necessário que o Estado seja fraco. O Estado é inerentemente opressivo e limitativo da sociedade civil, pelo que só reduzindo o seu tamanho é possível reduzir o seu dano e fortalecer a sociedade civil. Daí que o Estado fraco seja também tendencialmente o Estado mínimo. Esta ideia fora inicialmente defendida pela teoria política liberal, mas foi gradualmente abandonada ivil. A partir de ent

Esta reposiçprivatizaçerior e criar as normas e as instituiçia a sua fraqueza. Esta antinomia foi responsável pelo fracasso da estratégia dos USAID e do Banco Mundial para a reforma política do Estado russo depois do colapso do comunismo. Tais reformas assentaram no desmantelamento quase total do Estado soviético na expectativa de que dos seus escombros emergisse um Estado fraco e, conseqüentemente, uma sociedade civil forte. Para surpresa dos progenitores, o que emergiu destas reformas foi um governo de mafias (Hendley, 1995). Talvez por isso o consenso do Estado fraco foi o que mais

cedo deu sinais de fragilizaç

O *consenso da democracia liberal* visa dar forma política ao Estado fraco, mais uma vez recorrendo el através das acç

O *consenso sobre o primado do direito e do sistema judicial* é uma das componentes essenciais da nova forma política do Estado e é também o que melhor procura vincular a globalizaç dos mercados, dos investimentos e do sistema financeiro. Num modelo assente nas privatizaçde instituiçvamente fundadas e resolvem litígios em func

Nos termos do Consenso de Washington, a responsabilidade central do Estado consiste em criar o quadro legal e dar condiç

Um outro tema importante nas análises das dimens*Think Tanks* globais, das diferentes formas de direito global (da nova *lex mercatoria* aos direitos humanos). Também neste caso o fenómeno n funcionado como condomínios entre os países centrais. O que é novo é a amplitude e o poder da institucionalidade transnacional que se tem vindo a constituir nas últimas (*global governance*) (Murphy, 1994). O outro sentido, mais prospectivo e utópico, diz respeito Falk, 1995; Chase–Dunn et al, 1998). Fala–se mesmo da necessidade de se pensar num "Estado mundial" ou numa "federaçar azo. Tal como a classe capitalista global está a tentar formar o seu estado global, de que a Organizaç baseada na racionalidade colectiva, na liberdade e na igualdade (Chase–Dunn et al, 1998).

5. Globalizaç

A globalizaç da vida social e, com ela, a quest⁶ A questa de mercado do que pelo consenso normativo e cultural (Chase–Dunn, 1991: 88), para outros o poder político, a dominaçal (Meyer, 1987; Bergesen, 1990). Wallerstein faz uma leitura sociológica deste debate, defendendo que "nsequentemente, de salvaç

Embora a questamente designado por ocidentalizaçnómica, o utilitarismo, o primado do direito, o cinema, a publicidade, a televis

Neste contexto, os meios de comunicaçtro transformado num facto social, colectivo, o ter deixado de estar confinada no indivíduo romântico e no espaço expressivo da arte, do mito e do ritual para passar a fazer parte da vida quotidiana dos cidadão provocada pelas migraç, Octávio Ianni fala do "príncipe electrónico" – o conjunto das tecnologias electrónicas, informáticas e cibernéticas, de informaçdefletidos ou figurados, sem o risco da conviv

Esta temática articula–se com uma outra igualmente central no âmbito da globalizaçRitzer, 1995), para outros, a globalizaçRobertson e Khondker, 1998). O isomorfismo institucional, sobretudo nos domínios económico e político coexiste com a afirmaças constitutivas da realidade global (Featherston, 1990: 311). Do mesmo modo, Appadurai faz quest*media* electrónicos, longe de serem o ópido do povo, sizaçssid

O que nerarquia entre eles. Esta elucidaçcaracterística central da cultura global é hoje a política do esforço mútuo da mesmidade e da diferença para se

canibalizarem uma

Um outro tema central na discussão ideológica das últimas décadas mais recentes, que *mediascapes* e *ideoscapes* (1990), por Leslie Sklair (1991) como cultura-ideologia do consumismo, por Anthony Smith como um novo imperialismo cultural (1990). De uma outra perspectiva, a teoria dos regimes internacionais tem vindo a canalizar a nossa atenção (Keohane e Nye, 1977; Keohane, 1985; Krasner, 1983; Haggard e Simmons, 1987). E ainda de outra perspectiva, a teoria da estrutura internacional acentua a forma como a cultura ocidental tem criado actores sociais e significados culturais por todo o mundo (Thomas et al, 1987).

A ideia de uma cultura global é, claramente, um dos principais projectos da modernidade. Como Stephen Toulmin brilhantemente demonstrou (1990), pode ser identificado desde Leibniz até Hegel e desde o século XVII até ao nosso século. A atenção base empírica específica. Acredita-se que a intensificação, hábitos alimentares ou consumo cultural de massas. Contudo, a maior parte dos autores sustenta que, apesar da sua importância, estes processos est

A cultura é por definições e das comparações sistema mundial, por múltiplos e engenhosos processos de resistência em redor da homogeneização

A este respeito, os Estados-nação território nacional, através do poder da polícia, do direito, do sistema educacional ou dos meios de comunicação e pode estar agora a mudar como parte das transformações

Sob as condições, que consiste em motivos e tradições a emergir, criando ou recriando sentimentos de reconhecimento e parentesco entre os povos da Europa" (1990: 187). Vista de fora da Europa, particularmente a partir de regiões ocidentais em nome do qual muita da tradição

Dada a natureza hierárquica do sistema mundial, torna-se crucial identificar os grupos, as classes, os interesses e os Estados que definem as culturas parciais enquanto culturas globais, e que, por essa via, controlam a agenda da dominação de racismo, de xenofobia e, em última instância, de imperialismo. As culturas globais parciais podem, desta forma, ter naturezas, alcances e perfis políticos muito diferentes.

Nas actuais circunstâncias, só é possível visualizar culturas globais pluralistas ou plurais.⁷ É por isso que a maior parte dos autores assume uma postura prescritiva ou prospectiva sempre que fala de cultura global no singular. Para Hannerz, o cosmopolitismo "inclui uma postura favorável para interagir com o Outro... uma postura estética e intelectual de abertura face a experiências que tal universalismo seja transposto para "um novo nível de sentido socialista, embora sensível haveria um lugar reservado para a resistência: a criação

No domínio cultural, o consenso neoliberal é muito selectivo. Os fenómenos culturais só lhe interessam na medida em que se tornam mercadorias que como tal devem seguir o trilho da globalização/circulação

6. A natureza das globalizações

A referencialização passa no mundo. E o que obscurece ou oculta é, quando visto de outra perspectiva, tais dessas intencionalidades devem ser salientadas.

A primeira é o que designo por falácia do determinismo. Consiste na inculcaçãointerferconomia é informacional porque a produtividade e competitividade assentam na capacidade para gerar e aplicar eficientemente informaç falácia consiste em transformar as causas da globalizaçdecismia, por exemplo, tem sido um acto eminentemente político. A prova disso mesmo está na diversidade das respostas dos Estados nacionais ⁸ O facto de as decisica é reflexlexidade das quest

A segunda intencionalidade política do carácter n produtos manufacturados, enquanto o Sul fornecia matérias primas. A situaç quer ao nível da produçquanto mais triunfalista é a concepçtinacionais, s

Mesmo os autores que reconhecem que a globalizaç é cada vez maior a diferenciaç, usando a infraestrutura tecnológica da economia informacional e a estrutura organizacional de redes e fluxos (1996: 147). Neste sentido, deixa igualmente de fazer sentido a distinçconomia–mundo. Enquanto esta última assentava na acumulaç

Sem querer minimizar a importância das transformaç*bulldozer* avassalador contra o qual negro (África) e dominar inteiramente sobre os processos de inclusua a ser contabilizada e cobrada ao nível de países e é por via dela e da financeirizaçse pode depreender do quadro traçado por Castells, a converg definidas a nível nacional, as medidas de liberalizaç a remuneraçcepçente; para a Inglaterra, 71,7% e 68%; e para a Irlanda, 69,5 e 71,8% (Drache, 1999: 24). Por último, é difícil sustentar que a selectividade e a fragmentaçses ricos na ratio que determina se um país pertence ao Sul ou ao Norte, ao centro ou

Estas transformaçica. Por isso, o "fim do Sul", o "desaparecimento do Terceiro Mundo" so Sul ou o Terceiro Mundo, resulta ⁹ Mas as análises culturalistas incorrem frequentemente no mesmo erro. A título de exemplo, as teorias da reflexividade aplicadas o reflexiva", esquecem que a grande maioria da populaç

Tanto a falácia do determinismo como a falácia do desaparecimento do Sul tdade capaz de produzir progresso infinito e abundância ilimitada, para outros ela é anátema já que no seu bojo transporta a miséria, a marginalizaç clube cada vez mais pequeno de privilegiados. Nestas circunstâncias, *ndiscurso regional*, como, por exemplo, o discurso asiático, o discurso europeu ocidental, ou o discurso latino–americano, tem uma tonalidade civilizacional, sendo a globalizaçna globalizaç*discurso disciplinar* diz respeito ao modo como a globalizaç*discurso ideológico*entrecruza–se com qualquer dos anteriores e diz respeito *discurso feminista* que, tendo começado por ser um discurso anti–globalizaç

A pluralidade de discursos sobre a globalizaçque, em meu entender, conferem ao período histórico, em que nos encontramos, a sua especificidade transicional. A primeira contradiçm de par com processos de localizaç*direitos*, que atravessam fronteiras até há pouco tempo policiadas pela tradiçno de uma nova proemind*direitos*. Tais localismos, tanto se referem a territórios reais ou imaginados, como a formas de vida e de sociabilidade assentes nas relaç

Localismos territorializados sia, do Canadá e da Nova Zelândia. Por seu lado, os localismos translocalizados sa de território, enquanto forma de vida em escala de proximidade, imediaçEuropeia, que, ao mesmo tempo que desterritorializa as relaç

A segunda contradição, o Estado é uma entidade obsoleta e em vias de extinção política central, nos processos em curso. Nenhuma delas, porém, faz justiça à situação

A terceira contradição

Estes três diferentes processos de globalização

Aquilo que habitualmente designamos por globalização este termo só deveria ser usado no plural. Qualquer conceito mais abrangente deve ser de tipo processual e não é disjunção e na configuração

A teoria a construir deve, pois, dar conta da pluralidade e das contradições realidades emergentes que podem ou noma de uma grande instabilidade que configura uma situação voláteis em que pequenas alterações¹⁰ A teoria que aqui proponho pretende dar conta da situação

O sistema mundial em transição mundo moderno enquanto protagonistas da divisão é o planeta. As práticas sociais e culturais transnacionais *sconjunto de instituições* que asseguram a sua reprodução *forma de poder* que fornece a lógica das interações *forma de direito* que fornece a linguagem das relações *critério de hierarquização* que define o modo como se cristalizam as desigualdades de poder e os conflitos em que eles se traduzem; finalmente, ainda que todas as práticas do sistema mundial em transição *modos de produção*, nem todas estão

Quadro 1
OS PROCESSOS DA GLOBALIZAÇÃO

Práticas	Instituições	Forma de Poder	Forma de Direito	Conflito Estrutural	Critério de Hierarquização
Inter-estatais	<ul style="list-style-type: none"> Estados; Organizações Internacionais; Instituições Financeiras Multilaterais; Blocos Regionais (Nafta, União Europeia, Mercosul); Organização Mundial do Comércio 	Trocas desiguais de prerrogativas de soberania	<ul style="list-style-type: none"> Direito Internacional; Tratados internacionais; Direito de integração regional 	Lutas inter-estatais pela posição relativa no sistema mundial (promoção/despromoção; autonomia/dependência)	Centro, periferia, semi-periferia
Capitalistas globais	<ul style="list-style-type: none"> Empresas Multinacionais 	Trocas desiguais de recursos ou valores mercantis	<ul style="list-style-type: none"> Direito do trabalho; Direito económico internacional; Novos <i>devis</i> monetários; Direito de propriedade; Direito de propriedade intelectual; Direito de patentes 	Luta de classes pela apropriação ou valorização de recursos mercantis (integração/exclusão)	Global, local
Sociais e culturais transnacionais	<ul style="list-style-type: none"> Organizações Não Governamentais; Movimentos sociais; Redes; Fluxos 	Trocas desiguais de identidades e de cultura	<ul style="list-style-type: none"> Direitos humanos; Direito de nacionalidade e de residência; Direito de emigração; Direito de propriedade intelectual 	Lutas de grupos sociais pelo reconhecimento de diferença (inclusão/exclusão); inclusão autónoma/inclusão subalterna	Global, local

O quadro no primeiro lugar, enquanto o SMM assenta em dois pilares, a economia-mundo e o sistema interestatal, o SMET assenta em tríplice (e também incoer muitas das novas práticas culturais transnacionais) sionalidade. Em segundo lugar, as interações modo que entre elas há zonas cinzentas ou híbridas onde as constelações os fluxos migratórios sociais. Em terceiro lugar, ainda que permaneçam no SMET muitas das instituições

Os processos de globalização das elas, mas assume formas específicas em cada uma das constelações desiguais. Porque se trata de trocas e as desigualdades podem, dentro de certos limites, ser ocultadas ou manipuladas, o registo das interações de conflito que organiza as lutas em torno dos recursos que se ou contra a despromoção e todas as outras classes definidas a nível nacional, sejam elas a burguesia, a pequena burguesia e o operariado. Obviamente, os graus de desigualdade da troca e os mecanismos que as produzem se a contradição

No domínio das práticas sociais e culturais transnacionais, as trocas desiguais dizem respeito a recursos n. S

A interacção dos conflitos estruturais. A importância deste facto está no que designo por transconflitualidade, que consiste em assimilar um tipo de conflito a outro e em experienciar um conflito de certo tipo como se ele fosse de outro tipo. Assim, por exemplo, um conflito no interior das práticas capitalistas globais pode ser assimilado a um conflito interestatal e ser vivido como tal pelas partes em conflito. Do mesmo modo, um conflito interestatal pode ser assimilado a um conflito de práticas culturais transnacionais e ser vivido como tal. A transconflitualidade é reveladora da abertura e da situação resultado.

Sugiro que, nas condições *condição diferenciadora do global/local*. No SMM a hierarquia entre centro, semiperiferia e periferia era articulável com uma série de dicotomias que derivavam de uma variedade de formas de diferenciação. Cada uma destas formas tinha um registo semântico próprio, uma tradição.

O global e o local são, condições

As implicações existem condições que produzem o local, enquanto posições definem em termos de localização as tensões *Jihad versus McWorld* (1995) e *MacWorld versus Jihad*.

Existem muitos exemplos de como a globalização *lingua franca* é um desses exemplos. A sua propagação obtida sem se ter em conta os processos adjacentes de relocalização do cinema hindu. Analogamente, os actores franceses ou italianos dos anos 60 – de Brigitte Bardot a Alain Delon, de Marcello Mastroianni a Sophia Loren – que simbolizavam entalmente diferente,

Uma das transformações (Harvey, 1989). Ainda que aparentemente monolítico, este processo combina situacionalmente controla a compressão, de modo algum, a compressão

Existem ainda os que contribuem fortemente para a globalização estiveram. Tal como os moradores das favelas do Rio, que permanecem prisioneiros da vida urbana marginal, enquanto as suas condições

Ainda noutra perspectiva, a competição

A produção alterna. Apesar de, na linguagem comum e no discurso político, o termo globalização termos do modo específico por que está¹¹ O que caracteriza a produção global. O local que precede os processos de globalização local está na origem dos processos de globalização

O modo de produção

A primeira forma de globalização *localismo globalizado*. Consiste no processo pelo qual determinado fenómeno local é globalizado com sucesso, seja a actividade mundial das multinacionais, a transformação *lingua franca*, a globalização *fast food* americano ou da sua música popular, ou a adopção reconhecimento da diferença. A vitória traduz-se na facilidade de ditar os termos da integração

globalismo localizado. Consiste no impacto específico nas condições. Tais globalismos localizados incluem: a eliminação das religiões, artesanato e vida

selvagem; *dumping* ecológico ("compra" pelos países do Terceiro Mundo de lixos tóxicos produzidos nos países capitalistas centrais para gerar divisas externas); conversorizaç¹²

Estes dois modos de produçães semiperiféricos

Para além destes dois modos de produçturais transnacionais –, ainda que se repercutam nas restantes constelaçcosmopolitismo. Trata da organizaçndial em transiçs nos diferentes blocos regionais ou entre trabalhadores da mesma empresa multinacional operando em diferentes países (o novo internacionalismo operário); redes internacionais de assistinistas; organizaçturais alternativos, n de Novembro de 1999, foi uma eloquente manifestaç Janeiro de 2001 foi outra importante manifestaç

O uso do termo "cosmopolitismo" para descrever práticas e discursos de resistToulmin (1990), bem como inalar que, contrariamente *fin de siecle*), o cosmopolitismo é apenas possível de um modo intersticial nas margens do sistema mundial em transiçal, mas é uma das muitas tradiç

Neste contexto, é ainda necessário fazer uma outra precis¹³ Nvel co do que material. ¹⁴Por outro, vastas populaçitas visam a luta pela emancipaçlitismo *nin loco* através das ligaç

Provavelmente a mais importante diferença entre a minha concepçnica, rácica, religiosa, etária, etc. Por esta razanente. Iniciativas cosmopolitas concebidas e criadas com um carácter contra–hegemónico podem vir a assumir posteriormente características hegemónicas, correndo mesmo o risco de se converterem em localismos globalizados. Basta pensar nas iniciativas de democracia participativa a nível local que durante anos tiveram de lutar contra o "absolutismo" da democracia representativa e a desconfiança por parte das elites políticas conservadoras, tanto nacionais como internacionais, e que hoje começam a ser reconhecidas e mesmo apadrinhadas pelo Banco Mundial seduzido pela eficácia e pela ausncia de corrupçmocracia participativa, embri¹⁵

A instabilidade do carácter progressista ou contra–hegemónico decorre ainda de um outro factor: das diferentes concepçlabor standards) – luta conduzida pelas organizaçs organizaçforma de protecçionismo favorável aos países ricos.

O segundo modo de produçpatrimónio comum da humanidade. Trata–se de lutas transnacionais pela protecç preservaçer geridos por outra lógica que n¹⁶

O cosmopolitismo e o património comum da humanidade conheceram grande desenvolvimento nas últimas décadas. Através deles se foi construindo uma globalizaç mutuamente cidadde advocacia progressista transnacional, as alianças entre elas e organizaçGreenpeace

Mas tanto o cosmopolitismo como o património comum da humanidade t hegemónicos, sobretudo dos EUA. Os conflitos, as resistnguir entre globalizaçmum da humanidade s campo social que convencionámos chamar globalizaçro modos de produç¹⁷ Para a situar melhor nos debates actuais sobre a globalizaç

7. Globalizaç

Um dos debates actuais gira em redor da questão da sua territorialização, como respostas contra os seus malefícios.

Esta posição oferece espaços de sociabilidade de pequena escala, comunitários, assentes em relações (Berry, 1996; Inhoff, 1996), pequeno comércio local (Norberg-Hodge, 1996), sistemas de trocas locais baseado em moedas locais (Meeker-Lowry, 1996), formas participativas de auto-governo local (Kumar, 1996; Morris, 1996). Muitas destas iniciativas ou propostas assentam na ideia de que a cultura, a comunidade e a economia sustentam-se mutuamente (Sale, 1996).

As iniciativas e propostas de localizáveis e a minimização (Hines e Lang, 1996: 490).¹⁸ O novo proteccionismo parte da ideia de que a economia global, longe de ter eliminado o velho proteccionismo, é, ela própria, uma tática proteccionista das empresas multinacionais e dos bancos internacionais contra a capacidade das comunidades locais de preservarem a sua própria sustentabilidade e a da natureza.

O paradigma da localização da globalização do comércio livre. Ao contrário, o segundo tipo de estratégias, sem dúvida, as mais importantes, só pode ser levado a cabo através de múltiplas iniciativas locais e de pequena escala em termos de esforços isolados e antes de instituições.

Esta posição prioridade, quer inane-se a deslegitimar todos os obstáculos locais, da economia a designei como integrantes do cosmopolitismo e do património comum da humanidade, tendo onde eles são lutas locais ou não dos trabalhadores. É neste sentido que se deve entender a proposta de Chase-Dunn (1998), no sentido da globalização.

O global acontece localmente. É preciso fazer com que o local contra-hegemónico também aconteça globalmente. Para isso nas lutas locais, aprofundar o que tem

em de ocorrer em todas as constelações. No campo das práticas interestatais, a transformação.¹⁹ Ao nível do sistema interestatal, trata-se de promover a construção

No campo das práticas capitalistas globais, a transformação

Finalmente, no campo das práticas sociais e culturais transnacionais, a transformação em múltiplas formas de partilha – tais como, identidades duais, identidades híbridas, interidentidade e transidentidade – mas todas elas devem orientar-se pela seguinte pauta transidentitária e transcultural: temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.²⁰

8. A globalização

Distinguir entre globalização reconduzível a dois modos de produção no *espírito do lugar*, na especificidade dos contextos, dos actores e dos horizontes de vida localmente constituídos. Por outro lado, as articulações

Estas características gerais genéricas; o grau de institucionalização especificamente a estas últimas, a nova economia institucional (North, 1990; Reis, 1998) tem vindo a salientar o papel central da ordem constitucional, o conjunto de instituições em face das desigualdades e os desequilíbrios, e, em geral, definem o que é preferível, permitido ou proibido (Boyer, 1998: 12). Cada ordem constitucional tem a sua própria historicidade e é ela que

determina a especificidade da resposta local ou nacional a especificidade faz com que, em termos de relação

O capitalismo, enquanto modo de produção capitalismo mesocorporativo do Japo, pois, fora dela a maioria dos capitalisms reais da Ásia, da América Latina, da Europa Central, do Sul e de Leste e da África. A sua utilidade reside em mostrar a variedade das formas de capitalismo e o modo diferenciado como cada uma delas se insere nas transformações

No *capitalismo mercantil* o mercado é a instituição flexíveis; é dada toda a prioridade portes públicos, educação *capitalismo mesocorporativo* japonegulares" e os trabalhadores "irregulares", sendo a linha divisória a entrada ou qualidades. O *capitalismo social–democrático* assenta na concertação de vida, por outro; prevalências; minimizações

Finalmente, o *capitalismo estatal* assenta na centralidade da intervenção investigação deste modelo de institucionalidade parece estar bloqueada no nosso país, pelas pressões por outro lado, as pressões mesocorporativo, sobretudo em face da articulação

Em face da coexistência de capitalismo. A turbulência

Em geral, e nos termos da definição uma e outra se tornam; a prioridade dada aos mercados financeiros bloqueia a distribuição do capital faz com que a fiscalidade passe a incidir sobre rendimentos imóveis (sobretudo os do trabalho); o papel redistributivo das políticas sociais decresce e, em consequência das pensões; a pauperização

É este o perfil da globalização sobressaem sobretudo as particularidades nacionais e locais e as especificidades das respostas, resistencialistas e a tal ponto que a diferenciabilidade. Também para eles é inadequado falar de globalização. É ao nível da escala média que se torna possível identificar fenómenos globais hegemónicos que, por um lado, se articulam de múltiplas formas com condições como contra–hegemónicas.

A escolha dos níveis de escala é assim crucial e pode ser determinada tanto por razão escala de análise que distingue trivemente, uma semiperiferia e uma periferia. Ao nível desta escala, os dois tipos de capitalismo europeu acima referidos, o social–democrático e o estatal, aparecem fundidos num só. De facto, a Uniférentes capitalisms europeus travam as suas batalhas com o capitalismo norte–americano nos fóruns internacionais, nomeadamente na Organização

A escala média de análise é, pois, aquela que permite esclarecer melhor os conflitos e as lutas sociais que se travam cima referi como sendo o núcleo da globalização vezes o ponto de entrada para lutas sociais locais–globais de orientação

As clivagens entre o capitalismo mercantil e o capitalismo social–democrático ou estatal, entre o modelo neoliberal de segurança social e o modelo social europeu ou ainda dentro do modelo neoliberal, ao mesmo tempo que revelam as fracturas no interior da globalização a reconstituição

9. Graus de intensidade da globalização

A última precisas capitalistas globais ou práticas sociais e culturais transnacionais. A desigualdade de poder no interior dessas relações, pelo modo como as entidades ou fenómenos dominados, depois de desintegrados e desestruturados, transformaram-se quanto as transformações representavam como locais, a mesma moeda, a globalização

Estes processos ocorrem de modos muito distintos. Quando se fala de globalização causas bem definidas. A verdade, porém, é que os processos de globalização²¹

Penso, porém, que esta estratégia analítica na *globalização* para os processos rápidos, intensos e relativamente monocausais de *globalização* para os processos mais lentos e difusos e mais ambíguos na sua causalidade. Um exemplo ajudará a identificar os termos da distinção. Começaram a chegar aos tribunais de vários países europeus casos que envolviam figuras públicas, indivíduos poderosos ou notórios na actividade económica ou na actividade política. Estes casos, quase todos da área criminal (corrupção) deram uma visibilidade pública e um protagonismo político sem precedentes aos tribunais. Se exceptuarmos o caso do Tribunal Supremo dos EUA, desde a década de quarenta, os tribunais dos países centrais – e, de resto, também os dos países semiperiféricos e periféricos – tinham tido uma vida apagada. Reactivos e na mudança na década de oitenta e rapidamente os tribunais passaram a ocupar as primeiras páginas dos jornais, a sua actividade converteu-se numa curiosidade jornalística e os magistrados tornaram-se figuras públicas.

Tal fenómeno ocorreu, por exemplo, na Itália, na França, na Espanha e em Portugal, e em cada país teve causas próximas específicas. A ocorrência em cada país, tenham entre si afinidades estruturais ou partilhem traços de causas remotas, comuns e transnacionais. E de facto este parece ter sido o caso. Pese embora as diferenças nacionais, sempre significativas, podemos detectar no novo protagonismo judicial alguns factores comuns. Em primeiro lugar, as consequências do poder privado, a emergência entre o poder económico e o poder político que permitiu que se recorreu

Em segundo lugar, a crescente conversão e estes últimos foram atenuados, fragmentados e personalizados até ao ponto de se poderem transformar em conflitos judiciais. Chamamos a este processo político de despolitização sintoma da crise da democracia, alimentou-se desta. A legitimidade democrática que antes assentava quase exclusivamente nos órgãos

Este fenómeno que, além dos países atrás referidos, tem vindo a ocorrer na última década em muitos outros países da Europa de Leste, da América Latina e da Ásia²² e a mesma relação

Muito diferente deste processo é o que, na mesma área da justiça e do direito, tem vindo a ser protagonizado pelos países centrais, através das suas acções e periféricas profundas reformas jurídicas e judiciais que tornem possível a criação deste objectivo de uma política de primado do direito e dos tribunais e dela estenso, ocorre pelo impulso de factores exógenos dominantes, bem definidos e facilmente reconduzíveis a políticas globais hegemónicas interessadas em criar, a nível global, a institucionalidade que facilita a expansão²³ Trata-se de uma globalização

A utilidade desta distinção das suites desiguais e as diferenças de poder

10. Para onde vamos?

A intensificação do modelo está no centro dos debates actuais sobre o carácter das transformações características próprias do sistema mundial moderno com outras que apontam para outras realidades sistémicas ou extrasistémicas. O sistema mundial em transição um período de grande abertura e indefinido período de transição o período actual seja objecto de várias e contraditórias leituras.

Sleitura paradigmática e a leitura subparadigmática. A *leitura paradigmática* sustenta que o final dos anos sessenta e o início dos anos setenta marcaram o período de transição²⁴. Segundo este autor, o sistema mundial moderno entrou num período de crise sistémica iniciado em 1967 e que se estenderá até meados do século XXI. Na sua perspectiva, o período entre 1967 e 1973 é um período crucial porque marca uma conjuntura tripla de pontos de ruptura no sistema mundial: a) o ponto de ruptura numa longa curva de Kondratief (1945–1995?); b) o ponto de ruptura da hegemonia dos EUA sobre o sistema mundial (1873–2025?); c) o ponto de ruptura no sistema mundial moderno (1450–2100?).

Wallerstein previne que as provas que apoiam esta tripla ruptura sobre a estrutura abre um vasto terreno para a experimentação. Wallerstein designa tal questionamento por utópica (distinto de utopismo), i.e., "a coisa entra numa fase de crise, e avaliar nesse momento extremo de flutuação

De uma perspectiva diferente embora convergente, Arrighi convida-nos a visitar a previsão é tal que refuta a ideia de o seu colapso ocorrer sob o peso do fracasso económico, mas o seu próprio sucesso corrompe as instituições herdeiras" (Schumpeter, 1976: 61). Schumpeter era assim muito céptico acerca do futuro do capitalismo e Arrighi defende que a história poderá vir a dar-lhe razões indicam que, durante o próximo meio século, a história provará estar também certa a sua outra ideia de que a cada viragem bem sucedida se criam as condições e Silver salientam o papel da expansão, o que é novo e radicalmente novo é a sua combinação

A *leitura subparadigmática* do ("fordismo") para outro (ainda por nomear; "pós-fordismo"), como vem sendo sustentado pelas teorias da regulação²⁵. De acordo com alguns autores, o período actual de transição que tiveram mais circulação ruínas e dessas ruínas está a emergir uma regulação mercados nacionais da moeda, trabalho e mercadorias e suscitando uma profunda reorganização

Como seria de esperar, tudo isto é questionável e está a ser questionado. Como vimos acima, a realidade dimensão dramaticamente e de uma forma que questiona o dualismo tradicional entre regulação

Dentro da leitura subparadigmática do actual período de desenvolvimento capitalista há, contudo, algum consenso em torno das seguintes questões a ser obtidas, pressupõe um campo de relação a uma dupla crise do regime de acumulação do que nas crises *no*, mas o modo como isso é exercido depende fortemente do contexto internacional, das integrações e estratégias de confiança.²⁶

A leitura paradigmática é muito mais ampla do que a leitura subparadigmática, tanto nas suas afirmações. As "soluções", agnóstica relativamente oral curto.

A confrontação que se assume que o novo de hoje é sempre o prenúncio do novo de amanhã perfilham leituras subparadigmáticas.²⁷

Mas esta confrontaç.

As duas leituras slegiam a açços. Alguns actores sociais (grupos, classes, organizaçtura no modo paradigmático, enquanto outros as podem conceber de modo inverso. Mais do que isso, alguns podem conceber como económicos os mesmos processos de globalizaçpticos na avaliaç insubstituíveis, quer como a inauguraç

Por sua vez, para os actores que privilegiam a leitura subparadigmática, as actuais transformaç nos sistemas rotinizados.

A coexistpor outros como prenúncio de rupturas radicais. E entre estes últimos, há os que vbilidade – e esta é a palavra exacta – inclinam-me a pensar que as leituras paradigmáticas interpretam melhor a nossa condiç²⁸

Refer

- Aglietta, Michel (1979), *A Theory of Capitalist Regulation*. London: New Left Books.
- Albrow, Martin; King, Elizabeth (eds.) (1990), *Globalization, Knowledge and Society*. London: Sage.
- Appadurai, Arjun (1990), "Disjuncture and Difference in the Global and Cultural Economy", *Public Culture*, 2, 1–24.
- Appadurai, Arjun (1997), *Modernity at Large*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Appadurai, Arjun (1999), "Globalization and the Research Imagination", *International Social Science Journal*, 160, 229–238.
- Arrighi, Giovanni (1994), *The Long Twentieth Century*. London: Verso.
- Arrighi, Giovanni; Silver, Beverly (1999), *Chaos and Governance in the Modern World System*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Barber, Benjamim; Schulz, Andrea (eds.) (1995), *Jihad vs. McWorld: How Globalism and Tribalism Are Reshaping the World*. New York: Ballantine Books.
- Bauman, Zygmunt (1992), *Intimations of Postmodernity*. London: Routledge.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk Society. Towards a New Modernity*. London: Sage.
- Becker, David et al. (1987), *Postimperialism*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.
- Becker, David; Sklar, Richard (1987), "Why Postimperialism?" in *Becker et al.*, 1–18.
- Bergesen, Albert (1990), "Turning World–System Theory on its Head", in *Featherstone* (ed.), 67–81.
- Bergesen, Albert (ed.) (1980), *Studies of the Modern World–System*. New York: Academic Press.
- Berman, Harold (1983), *Law and Revolution. The Formation of Western Legal Tradition*. Cambridge: Harvard University Press.
- Berry, Wendell (1996), "Conserving Communities", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 407–417.
- Boulding, Elise (1991), "The Old and New Transnationalism: An Evolutionary Perspective", *Human Relations*, 44, 789–805.
- Boyer, Charles (1998), "Le politique "Evolution et Transformation des Syst Paris; EHESS, 19–21 Junho.
- Boyer, Robert (1990), *The Regulation School: A Critical Introduction*. New York: Columbia University Press.
- Boyer, Robert (ed.) (1986), *Capitalismes Fin de Si* Paris: Maspero.
- Boyer, Robert; Drache, Daniel (eds.) (1996), *States Against Markets: The Limits of Globalization*. New York: Routledge.

- Castells, Manuel (1996), *The Rise of the Network Society*. Cambridge: Blackwell.
- Chase–Dunn, Christopher (1991), *Global Formation: Structures of the World–Economy*. Cambridge: Polity Press.
- Chase–Dunn, Christopher et al. (1998), "Globalization: A World–System Perspective", XIV World Congress of Sociology, Montreal (available at www.csf.colorado.edu/systems/archives/papers.htm) .
- Chossudovsky , Michel (1997), *The Globalization of Poverty: Impacts of IMF and World Bank Reforms*. London: Zed Books.
- Clarke, Tony (1996), "Mechanisms of Corporate Rule", in J. Mander e E. Goldsmith (eds.), *The Case Against the Global Economy*. S
- Drache, Daniel (1999), "Globalization: Is There Anything to Fear?", Paper presented to the seminar Governing the Public Domain beyond the Era of the Washington Consensus?: Redrawing the Line between the State and the Market. Toronto: York University, November 4–6.
- Evans, Peter (1979), *Dependent Development: the Alliance of Multinational, State and Local Capital in Brazil*. Princeton: Princeton University Press.
- Evans, Peter (1986), "State, capital and the transformation of dependence: the Brazilian computer case", *World Development*, 14, 791–808.
- Evans, Peter (1987), "Class, state and dependence in East Asia: lessons for Latin Americanists", in *Devo* (ed.), 203–225.
- Falk, Richard (1995), *On Human Governance: Toward a New Global Politics*. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- Falk, Richard (1999), *Predatory Globalization: A Critique*. Cambridge: Polity Press.
- Featherstone, Mike (1990), "Global Culture: An Introduction", in Featherstone (ed.), 1–14.
- Featherstone, Mike (ed.) (1990), *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. London: Sage.
- Featherstone, ,Mike et al. (1995), *Global Modernities*. Thousand Oaks: Sage.
- Fortuna, Carlos (ed.) (1997), *Cidade, cultura e globalizaç* Lisboa: Celta.
- Fröbel, Folker et al. (1980), *The New International Division of Labor*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fukuyama, Francis (1992), *The End of History and the Last Man*. New York: The Free Press.
- Giddens, Anthony (1990), *Sociology*. Oxford: Polity Press.
- Giddens, Anthony (1991), *The Consequences of Modernity*. Oxford: Polity Press.
- Giddens, Anthony (1999), *Para uma terceira via: A renovaç* Lisboa: Presença.
- Haggard, Stephan; Simmons, B.A. (1987), "Theories of International Regimes", *International Organization*, 41, 491–549.
- Hall, Stuart; Gleben, Bram (eds.) (1992), *Formations of Modernity*. London: Polity Press.
- Hall, Stuart; McGrew, T. (eds.) (1992), *Modernity and its Futures*. Cambridge: Polity Press.
- Hannerz, Ulf (1990), "Cosmopolitan and Local in World Culture", in *Featherstone* (ed.), 237–251.
- Harvey, David (1989), *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Basil Blackwell.
- Held, David (1993), "Democracy: From City–States to a Cosmopolitan Order", in David Held (ed.), *Prospects for Democracy*. Stanford: Stanford University Press.
- Hendley, Kathryn (1995), "The Spillover Effect of Privatization on Russian Legal Culture", *Transnational Law and Contemporary Problems*, 5, 40–64.
- Hines, Colin; Lang, Tim (1996), "In Favor of a New Protectionism", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 418–424.

- Hopkins, Terence; Wallerstein, Immanuel; Casparis, J. ; Derlugian, G. (1996), *The Age of Transition: Trajectory of the World–System, 1945–2025*. London: Zed Books.
- Hunter, Allen (1995), "Globalization from Below? Promises and Perils of the New Internationalism", *Social Policy* (25)4, 6–13.
- Huntington, Samuel (1993), "The Clash of Civilizations?", *Foreign Affairs*, LXXII, 3–12.
- Ianni, Octavio (1998), "O Príncipe eletrônico", *Primeira Vers* (IFCH/UNICAMP), 78, Novembro.
- Inhoff, Daniel (1996), "Community Supported Agriculture: Farming with a Face on It", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 425–433.
- Jameson, Fredric; Miyoshi, Masao (eds.) (1998), *The Cultures of Globalization*. Durham: Duke University Press.
- Jessop, Bob (1990a), *State Theory. Putting Capitalist States in their Place*. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press.
- Jessop, Bob (1990b), "Regulation Theories in Retrospect and Prospect". *Economy and Society*, 19, 153–216.
- Jessop, Bob (1995), "The Future of the National State: Erosion or Reorganization? General Reflections on the West European Case". *Comunicação*
- Kennedy, Paul (1993), *Preparing for the Twenty–First Century*. New York: Random House.
- Keohane, Robert (1985), *After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy*. Princeton: Princeton University Press.
- Keohane, Robert; Nye, Joseph (1977), *Power and Interdependence*. Boston: Little, Brown and Company.
- Kidder, Thalia; McGinn, Mary (1995), "In the Wake of NAFTA: Transnational Workers Networks", *Social Policy*, (25)4, 14–20.
- Kotz, David (1990), "A Comparative Analysis of the Theory of Regulation and the Social Structure of Accumulation Theory", *Science and Society*, 54, 5–28.
- Krasner, Stephen (ed.) (1983), *International Regimes*. Ithaca: Cornell University Press.
- Kumar, Satish (1996), "Gandhi's Swadeshi: The Economics of Permanence", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 418–424.
- Lash, Scott; Urry, John (1996), *Economics of Signs and Space*. London: Sage.
- Mahnkopf, B. (ed.) (1988), *Der gewendete Kapitalismus: Kritische Beiträge zu einer Theorie der Regulation*. Münster: Westfälischer Dampfboot.
- Maizels, Alfred (1992), *Commodities In Crisis*. Oxford: Oxford University Press.
- Mander, Jerry (1996), "Facing the Rising Tide", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 3–19.
- Mander, Jerry; Goldsmith, Edward (eds.) (1996), *The Case against the Global Economy*. San Francisco: Sierra Club Books.
- McMichael, Philip (1996), *Development and Social Change: A Global Perspective*. Thousand Oaks: Pine Forge.
- McMichael, Philip; Myhre, D. (1990), "Global Regulation vs. the Nation–State: Agro–Food Systems and the New Politics of Capital", *Review of Radical Political Economy*, 22, 59–77.
- Meeker–Lowry, Susan (1996), "Community Money: The Potential of Local Currency", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 446–459.
- Meyer, John (1987), "The World Polity and the Authority of the Nation–state", in *G. Thomas et al.*, 41–70.
- Meyer, William (1987), "Testing Theories of Cultural Imperialism: International Media and Domestic Impact", *International Interactions*, 13, 353–374.
- Morris, David (1996), "Communities: Building Authority, Responsibility and Capacity", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 434–445.

- Murphy, Craig (1994), *International Organization and Industrial Change*. Oxford: Polity Press.
- Noel, A. (1987), "Accumulation, Regulation and Social Change: An Essay on French Political Economy", *International Organization*, 41, 303–333.
- Norberg–Hodge, Helena (1996), "Shifting Direction: From Global Dependence to Local Interdependence", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 393–406.
- North, Douglas (1990), *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- OECD/DAC (2000) "Development Co–operation Report 1999 – Efforts and Policies of the Members of the Development Assistance Committee", *The DAC Journal*1(1).
- Parsons, Talcott (1971), *The System of Modern Societies*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice–Hall.
- Pureza, José Manuel (1999), *O património comum da humanidade: rumo a um direito internacional da solidariedade?*. Porto: Afrontamento.
- Reis, José (1998), "O institucionalismo económico: crónica sobre os saberes da economia", *Notas Económicas – Revista da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra*, 11, 130–149.
- Ritzer, G. (1995), *The MacDonaldisation of Society*. Thousand Oaks: Pine Forge.
- Robertson, Roland (1990), "Mapping the Global Condition: Globalization as the Central Concept", in *Featherstone* (ed.), 15–30.
- Robertson, Roland (1992), *Globalization*. London: Sage.
- Robertson, Roland; Khondker, Habib (1998), "Discourses of Globalization. Preliminary Considerations", *International Sociology*, 13 (1), 25–40.
- Robinson, William (1995), "Globalization: Nine Theses on our Epoch", *Race and Class*, 38(2), 13–31.
- Sale, Kirkpatrick (1996), "Principles of Bioregionalism", in *Mander e Goldsmith* (eds.), 471–484.
- Santos, Boaventura de Sousa (1995), *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge.
- Santos, Boaventura de Sousa (1996), "A queda do Angelus Novus. Para além da equaçã", *Revista Crítica de Ci*, 45, 5–34 (English version online in www.eurozine.com).
- Santos, Boaventura de Sousa (1997), "Por uma concepçã", *Revista Crítica de Ci*, 48, 11–32.
- Santos, Boaventura de Sousa (1998a), "Participatory Budgeting in Porto Alegre: Toward a Redistributive Democracy", *Politics and Society*, 26(4), 461–510.
- Santos, Boaventura de Sousa (1998b), *Reinventar a Democracia*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, Boaventura de Sousa (1999), "Porque é t", *Revista Crítica de Ci*, 54, 197–216.
- Santos, Boaventura de Sousa (2000a), A crítica da raz
- Santos, Boaventura de Sousa (2000b), "Law and Democracy: (Mis)trusting the Global Reform of Courts", in Jane Jenson; B. S. Santos (eds.), *Globalizing Institutions: Case Studies in Regulation and Innovation*. Aldershot: Ashgate, 253–284.
- Sassen, Saskia (1991), *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.
- Sassen, Saskia (1994), *Cities in a World Economy*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- Schumpeter, Joseph (1976), *Capitalism, Socialism and Democracy*. London: George Allen and Unwin.
- Silverstein, K. (1999) "Millions for Viagra, Pennies for Diseases of the Poor:

- Research Money Goes to Profitable Lifestyle Drugs". *The Nation*, 19 de Julho.
- Singh, Ajit (1993), "The Lost Decade: The Economic Crisis of the Third World in the 1980s: How the North Caused the South's Crisis", *Contention*, 3, 137–169.
- Sklair, Leslie (1991), *Sociology of the Global System*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Smith, Anthony (1990), "Towards a Global Culture?", in *Featherstone* (ed.), 171–191.
- Stallings, Barbara (1992), "International Influence on Economic Policy: Debt, Stabilization and Structural Reform", in *Haggard and Kaufman* (eds.), 41–88.
- Stallings, Barbara (ed.) (1995), *Global Change, Regional Response: The New International Context of Development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stallings, Barbara; Streeck, Wolfgang (1995), "Capitalisms in Conflict? The United States, Europe and Japan in the Post-cold War World", in *Stallings* (ed.), 67–99.
- Thomas, George et al. (1987), *Institutional Structure: Constituting State, Society and the Individual*. Beverly Hills: Sage.
- Tilly, Charles (1990), *Coercion, Capital and European States, AD 990–1990*. Cambridge: Blackwell.
- Tilly, Charles (1995), "Globalization Threatens Labor's Rights", *International Labor and Working-Class History*, 47, 1–23.
- Toulmin, Stephen (1990), *Cosmopolis. The Hidden Agenda of Modernity*. New York: Free Press.
- UNAIDS, Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (2000) *Report on the Global HIV/AIDS Epidemia*. Geneva: UNAIDS.
- UNDP – Human Development Report (1999) *Globalizing with a Human Face*. New York: Oxford University Press.
- UNDP – Human Development Report (2001) *Making New Technologies Work for Human Development*. New York: Oxford University Press.
- UNICEF (2000) *Promise and Progress: Achieving Goals for Children (1990–2000)*. New York: UNICEF
- van der Velden, Frans (1984), "Uniform International Sales Law and the Battle of Forms", in *Contributions in Honour of J.G. Sauveplanne. Unification and Comparative Law in Theory and Practice*. Antwerp: Kluwer, 233–249.
- Vroey, Michel De (1984), "A Regulation Approach Interpretation of the Contemporary Crisis", *Capital and Class*, 23, 45–66.
- Wade, Robert (1990), *Governing the Market: Economic Theory and the Role of Government in East Asian Industrialization*. Princeton: Princeton University Press.
- Wade, Robert (1996), "Japan, the World Bank and the Art of Paradigm Maintenance: The East Asian Miracle in Political Perspective", *Revue d'Economie Financiere*, 3–36.
- Wallerstein, Immanuel (1979), *The Capitalist World–Economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallerstein, Immanuel (1991a), *Geopolitics and Geoculture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wallerstein, Immanuel (1991b), *Unthinking Social Science*. Cambridge: Polity Press.
- Waters, Malcolm (1995), *Globalization*. London: Routledge.
- Whitley, Richard (1992), *Business Systems in East Asia. Firms, Markets and Societies*. London: Sage.
- World Bank (1994), *Averting the Old Age Crisis: Policies to Protect the Old and Promote Growth*. Oxford: Oxford University Press.
- World Bank (1997), *World Development Report 1997*. New York: Oxford University Press.

- World Bank (1998) *African Development Indicators*. Washington, DC: The World Bank.
- World Bank (2000) *Global Development Finance*. Washington, DC: The World Bank.
- Wuthnow, Robert (1985), "State Structures and Ideological Outcomes", *American Sociological Review*, 50, 799–821.
- Wuthnow, Robert (1987), *Meaning of Moral Order*. Berkeley: University of California Press.

-
- ¹ Walton (1985) refere igualmente Gordon (1988).
- ² No mesmo sentido, cfr. Wade (1990, 1996) e Whitley (1992).
- ³ Segundo o mesmo relatório, 46% da população. Ver também Kennedy (1993: 193–228) e Chossudovsky (1997). De acordo com Maizels (1992) as exportações
- ⁴ Em 1995, a malária afectava, por cada 100 habitantes, 16 pessoas no Quênia, 21 na Nova Guiné Papua, 33 na Zâmbia (PNUD, 1999).
- ⁵ Ver Stallings (1992b). Da perspectiva das relações
- ⁶ Cfr. Featherstone (1990); Appadurai (1990); Berman (1983); W. Meyer (1987); Giddens (1990, 1991); Bauman (1992). Ver também Wuthnow (1985, 1987); Bergesen (1980).
- ⁷ Ver também Featherstone (1990: 10); Wallerstein (1991a: 184); Chase–Dunn (1991: 103). Para Wallerstein o contraste entre o sistema–mundial moderno e os impérios mundiais anteriores reside no facto de o primeiro combinar uma única divisões culturais múltiplas (Wallerstein, 1979: 5).
- ⁸ Sobre esta questão
- ⁹ Entre muitos outros, ver Boyer (1996, 1998); Drache (1999).
- ¹⁰ Sobre os conceitos de turbulência
- ¹¹ Cfr. também McMichael (1996: 169). A dialéctica da inclusão
- ¹² O globalismo localizado pode ocorrer sob a forma do que Fortuna chama "globalização
- ¹³ A ideia do cosmopolitismo como universalismo, cidadania do mundo, nega-se para quem "para ser bom patriota [é] necessário tornar-se inimigo do resto do mundo" até ao internacionalismo operário.
- ¹⁴ A distinção e tornados possíveis pelo Estado–Providência
- ¹⁵ Análise esta questão
- ¹⁶ Sobre o património comum da humanidade, ver, entre muitos outros, Santos (1995: 365–373) e o estudo exaustivo de Pureza (1999).
- ¹⁷ Sobre a globalização
- ¹⁸ No mesmo sentido, é sugerido que os movimentos progressistas devem usar os instrumentos do nacionalismo económico para combater as forças do mercado.
- ¹⁹ Sobre os conceitos de democracia de alta intensidade e de democracia de baixa intensidade, ver Santos (1998b) e Santos (2000b).
- ²⁰ Sobre este ponto, cfr. Santos (1997).
- ²¹ Ver, por todos, Castells (1996).
- ²² Este fenómeno está analisado em detalhe em Santos (2000b).
- ²³ Sobre este "movimento" da reforma global dos tribunais, ver Santos (2000b).
- ²⁴ Wallerstein (1991a); Hopkins et al. (1996). Ver também Arrighi e Silver (1999).
- ²⁵ Aglietta (1979); Boyer (1986, 1990). Ver também Jessop (1990a, 1990b); Kotz (1990); Mahnkopf (1988); Noel (1987); Vroey (1984).
- ²⁶ Sobre estas coisas
- ²⁷ Apesar de considerarem a globalização mundial moderno.
- ²⁸ A justificação